# Limites da Cibernética, a reprodução e a criação

Yolanda Lhullier dos Santos

Observa-se entre alguns estudiosos de países onde se deu um desenvolvimento extraordinário da cibernética e da automação, nestes últimos anos, um certo estado de perplexidade aliado a uma grande preocupação.

Sendo a cibernética "um ramo da técnica moderna que estuda os processos de construção mecânica que prolongam os movimentos musculares de caráter executivo, e a construção de aparelhos que realizam operações matemáticas, funções imaginativas de caráter sensitivo, assimiláveis à memória, usando também os recursos da eletrônica" já está exposta, em linhas bem amplas, a variedade e complexidade do seu campo de ação. Nele encontram-se os mais diversos tipos de aparelhos e mecanismos que possibilitam, ao homem, um grande progresso gerando, não obstante, graves problemas de ordem psíquica e social. Em alguns países, onde houve um incomum desenvolvimento, gerou-se o desemprego que, crescente, acarreta graves problemas de ordem social. Se para muitos estes desempregados não o estão totalmente já que recebam, dos sindicatos os seus salários — e nisso têm a sua garantia de sobrevivência — não deixa de haver problemas de outra ordem dentre os quais: o não-acompanhamento do custo de vida que sobe mais que o salário, além de uma situação moral muito difícil, angustiante mesmo, pois sentem-se diminuídos ante a troca pela máquina — objeto de criação do próprio homem — e que os vai substituir nas mais diversas funções. Isto tem criado situações críticas de ordem psicológica ("abrindo a porta às neuroses") e levando o homem a uma tomada de consciência da qual não encontra solução. Várias soluções, entretanto, têm sido propostas, entre elas: maior ocupação de pessoas no artesanato; dedicação ao esporte amador; desenvolvimento do saber. Saídas que poderiam ser propostas e nelas haveria soluções possíveis. Esse, entretanto, vem a ser um dos tópicos de maior gravidade pois não ocupa o tempo disponível. Entretanto aqui nos ocuparemos de um fato real e constatado: da "inevitabilidade do desenvolvimento da cibernética". Naturalmente pode-se criar um limite em alguns aspectos, seja com organizações coletivas embaraçando o progresso do cibernetismo, mas não se poderá impedir que ela se processe de uma maneira vigorosa, provocando uma verdadeira e sintomática revolução no mundo ocasionando, como o vem fazendo, uma grande e complexa transformação...

A solução não está, como muitos pensam, na diminuição das horas de trabalho. A questão é a ocupação das horas sobrantes, do ócio. O ócio é um dos problemas sempre presentes na humanidade porque, se ele não for bem empregado gera a corrupção, os vícios — fonte do que é pernicioso para o homem —. Se ele não for bem aproveitado para o desenvolvimento intelectual ou para um lazer

bem endereçado, será prejudicial, e este é um dos problemas que se afigura em alguns países, Estados Unidos, por exemplo, muito grave, dado o progresso econômicos, sobretudo no campo técnico. Assim se produção é organizada na base de 4 horas de trabalho diário o que o homem vai fazer nas outras 4 horas? Muitos dirão: mas todos têm o que fazer. Sim, numa semana, duas ou talvez, até em mais. Mas depois do que ele se ocupará?

Seria dramático que a humanidade, ao caminhar para um dos pontos mais altos do seu desenvolvimento — o ápice do seu progresso — fosse esse também, o determinante da sua própria desgraça, da sua decadência final. Isso é absurdo, sobretudo se temos consciência disso e o sabemos, através da história, que determinados conhecimentos — não só sociológicos, como psicológicos, políticos, sociais etc. — nos permitem compreender e saber dos perigos eminentes que decorrem dessas situações, aparentemente favoráveis, o que são "a porta de entrada" de desgraças maiores, que não só acontecem individualmente mas coletivamente. Imersos nessa situação pessoas responsáveis estão preocupadas pelo fato que "o nosso progresso técnico se processa numa velocidade maior do que a que nós conseguimos para encontrar solução aos problemas que ele gerará".

Quanto às possibilidades da cibernética vemos que tem sido objeto de certo exagero, por parte de algumas pessoas, ao atribuir um poder mágico à máquina.

Abordamos, aqui, um ponto que nos parece de grande importância para uma análise dos possíveis limites da cibernética:

Ao estudarmos o nosso psiquismo precisamos distinguir o psiquismo animal do humano. Quanto ao primeiro, realiza suas operações partindo da intuição sensível para as outras (como a memória, a fantasia etc.). A memória é a capacidade de reproduzir os fatos, passando a fantasia a ser a capacidade desses elementos passados para a reconstrução de novas estruturas. A estimativa é a capacidade de julgar da conveniência ou não das coisas em relação a nós, etc., isto é, que faz parte da inteligência animal. Desta forma, o fato de alguém ter boa memória, ou uma fantasia muito desenvolvida, ou uma capacidade estimativa muito segura, como homens que revelam uma certa prudência, alguma astúcia, não quer dizer que sejam super-inteligentes e sim, o são, somente quanto à inteligência comum, a inteligência que um animal também pode ter, dentro, naturalmente, das condições da sua espécie. Não representa algo de superior e, infelizmente, por ignorância, julga-se que os homens de grande memória é que são capazes de conhecer todos os fatos de uma vida, repetir datas e acontecimentos com a máxima segurança; sejam, assim, exemplo de homem culto, inteligente, exemplo da superioridade humana! Não o é, porque há analfabetos que guardam, de memória, obras inteiras decoradas...

A inteligência, dita superior, é precisamente formada pelo entendimento, pela vontade e pelo amor; pelo amor ao verdadeiro sentido intelectual superior, que não deve ser confundido com as atrações de caráter afetivo como na linguagem comum se dá comumente, (estamos tomando o amor em sentido de amar o bem daquele a quem se ama, não é só amar alguma coisa, o que na religião cristã se chama de caridade).

É, assim, um sentimento superior que necessita da presença do intelecto e da vontade e que não se dá sem uma atração, não só para

o bem como, também, para a verdade. O que caracteriza o intelecto superior é intencionalidade, é esta direção do intelecto para o seu objeto. Por exemplo, digamos essa direção de nós sobre nós mesmos, ao termos consciência de nós mesmos.

O ato reflexivo sobre o qual tomamos consciência, o fato de escolhermos entre dois possíveis de serem atualizados e tendermos para um só, por nossa escolha, procuramos por amor à verdade, ao conhecimento, até encontrá-lo e, depois, dirigir nossa vontade para alcançar àquela meta na qual está aquele valor. Tudo isto, toda esta complexa vida intelectual jamais a máquina poderá fazer e, por uma razão multo simples: "por que ela estará sujeita a dois aspectos acidentais importantes: o quantitativo e o qualitativo".

Se ficar só no quantitativo não é possível já que toda a quantidade caracteriza-se por ter partes-extra-partes e, toda operação dentro do quantitativo terá que passar de partes para partes, e não se poderá dar esta captação de si mesma, isto é, esta intencionalidade dirigida para si ou seja, a tensão vertida toda sobre si mesma, porque na quantidade ela tem que estender-se (daí que o quantitativo jamais poderá ter consciência de si mesmo). Um ser que seja só quantitativo jamais poderá ter consciência de si mesmo, ter intencionalidade e, conseqüentemente, não manifestar um psiquismo superior. Aqueles que dizem que o psiquismo superior é um produto da matéria sensível não tiveram oportunidade de levar o seu raciocínio mais adiante, verificar as impossibilidades, inclusive físicas, de que tal acontecesse e podem, sem dúvida, chegar a posições mágicas, infantis, de emprestar a possibilidade a causa de realizar efeitos superiores à natureza. Na fase racional o homem sabe que o efeito, quanto mais, pode igualar as suas causas, mas nunca excedê-las. Então verá que o quantitativo não poderá nunca ser a causa de um ato intelectual superior, de um ato espiritual sem extensão e chegaria a esta conclusão: o resultado de uma especulação simples, mas que exige a colocação de certas premissas, como o fizemos:

"admitir que uma máquina, feita pelo homem possa ter, amanhã, consciência de si, que delibere e atinja a liberdade."

É preciso distinguir uma fantasia reprodutora de uma criadora. A primeira é a que temos em certos sonhos, em que vemos a reprodução de imagens, ou de certas evocações. Mas há uma fantasia dirigida pela nossa própria intelectualidade, por exemplo, como a do artista que a dirige na criação de um personagem, que imagina o possível e o constrói, no seu processo criativo. Aí se dá a simplificação do intelecto superior, da vontade, do entendimento.

Certas posições atuais na poesia, na arte, defendem a fantasia meramente reprodutora. Assim, um artista associaria, ou melhor, expressaria, as associações conforme elas se dão ou a sucessão das imagens de sua fantasia, das reproduções fantasmáticas, traduzindo-as em palavras ou em sons ou em cores etc. Este seria um retorno à fantasia meramente animal, sem dúvida alguma, mas se afastaria do homem, da fantasia criadora que exige a presença do intelecto humano, na sua superior atuação, que é o entendimento, a vontade, o amor (amor no sentido do ágape dos gregos e não do de eros). Os autores modernos, defensores dessa posição, usam da sua vontade e do seu entendimento, para expressar a defesa do intelecto inferior, da criação animal, da arte animal. Esta arte a

cibernética poderá fazer porém estamos, sem dúvida, ante a uma arte puramente reprodutora, e não é nada difícil que as máquinas o façam; mas jamais poderão fazer uma arte criadora. Jamais a máquina irá tomar as imagens dos cavaleiros andantes e de todos aqueles desejosos de praticar atos de cavalaria, e criar a personalidade de D. Quixote de La Mancha. Mas pode, por exemplo, reproduzir, ligar, associar às imagens de cavalaria e criar a personalidade de um cavaleiro através de uma série de imagens associadas. Mas não fará por si nada mais do que isso? como criação será preciso uma inteligência superior, e é precisamente essas características do intelecto superior que são irredutíveis às explicações meramente materiais e revelam efeitos que superam as possibilidades da matéria, comprovado em que não existe um princípio espiritual, um princípio que não é material no sentido comum que a palavra diz. Não é material no sentido da extensão, no de matéria sensível — a matéria dos materialistas — e neste caso ele é um dos argumentos mais importantes, embora seja dos mais difíceis, a pertença ao campo da filosofia.

Ao se estabelecer que os limites da cibernética são evidentes e não são marcados apenas porque nós arbitrariamente resolvemos marcá-los, mas sim pelas próprias possibilidades dos elementos que constituem uma máquina cibernética, ela não poderá ultrapassar os limites da sua própria natureza. Não poderá criar efeitos desproporcionados à sua causa, e o que tiver de superior, ou que revele alguma coisa do psiquismo superior, será dada sempre pelo homem e nunca sairá espontaneamente dela.

Há muito exagero e, sobretudo, esperanças desmedidas em torno da cibernética referente a este sentido. Que ela é útil, que é conveniente, que o ser humano deve continuar nas suas pesquisas levando ao máximo de perfeição essas máquinas, não há dúvida alguma. Este é um dever de todos aqueles que se dedicam a este trabalho, porém sem negligenciar o lado humano, meta do homem.

# Sociedade, participação e avaliação da Universidade

**Othon Jambeiro**

A democratização do país coloca para cada setor organizado da sociedade a gigantesca e delicada tarefa de arregimentar suas próprias forças e outras que julgar pertinentes, para vencer as barreiras instituídas pelo autoritarismo e suas seqüelas. Gigantesca ,porque o esmagamento da sociedade e o conseqüente recuo de suas forças para as últimas defesas criou um sentimento de solidariedade contra o Estado, que tem estimulado perigosamente o corporativismo.

Delicada, porque tal empreendimento exige, sobretudo nas instituições públicas uma negociação paciente e decidida entre pares,